



A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA DO CONTO DE FADAS CINDERELA

THE PSYCHOANALYTICAL PERSPECTIVE OF THE CINDERELLA FAIRY TALE

Daniele Sabrina Cherubino Simões¹, Luiz Romero de Oliveira²

Submetido em: 13/09/2021

e210733

Aprovado em: 23/10/2021

<https://doi.org/10.47820/recima21.v2i10.733>

RESUMO

O presente trabalho abordará o conto de fadas Cinderela a partir da perspectiva psicanalítica. O estudo identifica os seus reflexos/influências na fantasia/imaginação dos leitores/ouvintes. O método utilizado foi revisão bibliográfica, e terá como base textos de Freud, Bettelheim e Corso e Corso. O artigo possibilitou reunir parte das informações existentes de como o conto de fadas Cinderela pode auxiliar a criança a simbolizar suas fantasias e amenizar suas angústias.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Fantasia. Imaginação. Leitura

ABSTRACT

The present work will approach the Cinderella fairy tale from a psychoanalytic perspective. The study will seek to identify its reflections/influences on the fantasy/imagination of readers/listeners. The method used was a bibliographical review, and will be based on texts by Freud, Bettelheim and Corso and Corso. The article made it possible to gather part of the existing information on how the Cinderella fairy tale can help children to symbolize their fantasies and alleviate their anxieties.

KEYWORDS: *Psychoanalysis. Fantasy. Imagination. Reading*

INTRODUÇÃO

Os contos de fadas, os quais são utilizados no ambiente escolar desde o período da alfabetização, e de acordo com pesquisadores como Corso e Corso (2006) e Bettelheim (2009), estão associados ao desenvolvimento psíquico e emocional dos educandos. Esses aspectos, por si só, denotam a importância de se dedicar um tempo para refletir sobre seus conteúdos.

Considerando a relevância deste assunto, o presente trabalho utilizará a psicanálise como perspectiva para refletir sobre o conto de fadas Cinderela. A escolha desse conto, especificamente, justifica-se por ser um conto referência e muito aplicado no contexto escolar. Tendo isto em vista, buscar-se-á analisar como as fantasias existentes na obra podem refletir nos educandos. Outro aspecto

¹ Especialista em Filosofia e Psicanálise pela Universidade Federal do Espírito Santo (2018), Especialista em Informática na Educação pelo Instituto Federal do Espírito Santo (2014), Licenciada em Letras Português pelo Instituto Federal do Espírito Santo (2020), bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (2010). Atualmente é Bibliotecária no UNESC e membro do comitê editorial do Unesc em Revista.

² Graduado em PSICOLOGIA pela Universidade Federal do Espírito Santo (1988) e mestrado em Teoria Literária pela Universidade Federal do Espírito Santo (2000). Doutor em Literatura Brasileira pela UFMG. Tem experiência na área de Psicologia escolar, clínica (Psicanálise) e saúde no trabalho. Destaque-se a participação em dois grupos de pesquisas: Psicanálise na Universidade (Coord. Profa. Dra. Olga Maria Soubbotnick) e Literatura e Psicanálise (coord. Profa. Dra. Ruth Silvano Brandão).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA DO CONTO DE FADAS CINDERELA
Daniele Sabrina Cherubino Simões, Luiz Romero de Oliveira

a ser salientado será a influência da sensação do prazer ao ouvir/ler o conto de fadas nesse processo de constituição do sujeito.

Seguindo essa linha, a pesquisa será embasada por Bettelheim (2009), que se dedicou ao exame de vários contos de fadas do ponto de vista da psicanálise, dentre eles Cinderela, e também Corso e Corso (2006), que segue essa mesma averiguação. Observou-se também a necessidade de utilizar Freud (1919, 1996a), que aborda a questão da fantasia e sua relação com proporcionar prazer/satisfação no aparelho psíquico.

CONTO DE FADAS

Os contos de fadas, os quais estão presentes na história da humanidade desde o século XVII, na França, quando Charles Perrault organizou a primeira coletânea deles, buscando na tradição oral da população europeia suas temáticas. O fato é que, apesar das alterações nas mídias, sejam papel ou digital, os contos se fazem presentes e continuam encantando gerações (SCHNEIDER, 2009).

No formato de textos/histórias, existem aspectos particulares, como aplicação de magia, encantamento e, normalmente há, também, um dilema de cunho existencial que, no decorrer da história, se manifesta no/na herói/heroína, que está em busca de alguma consumação de cunho pessoal, que exige dos protagonistas a superação de diversos obstáculos. Esse processo será importante para que se possa entender a importância da fantasia para o desenvolvimento da criança (RADINO apud SCHNEIDER, 2009).

Corso e Corso (2006) afirmam que os contos de fadas não precisam, necessariamente, de ter a figura de uma "fada" como elemento principal, mas, sim, conteúdo encantador, que surpreenda, provoque admiração ou espanto, pois são elementos que acionam a imaginação da criança.

Nesse universo textual existem diversos autores que se destacaram, dentre eles o já citado (Charles Perrault), objeto deste estudo, o qual desenvolvia suas histórias tendo como premissa relatos populares. Uma marca/característica de seus escritos era inserir uma mensagem de cunho moral, que buscava advertir quem ouvisse suas histórias. Dentre seus personagens, conforme aponta Schneider (2009, p. 5), figuram pessoas "[...] humildes, como lenhadores, serviçais, aldeões, [e também] damas e cavalheiros". Esses personagens eram escolhidos pelo autor com o objetivo de apresentar mensagens de cunho condolente, a fim de que suas histórias transmitissem solidariedade e sentimento pelo outro, reafirmando a ideia de retratar a marca moral de seus escritos. Outro aspecto relevante de seus contos mostra-se na descrição das lindas paisagens francesas, suas campinas e a atmosfera desses lugares.

Seus contos mais conhecidos são: Contos da Mãe Gansa, Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida, Barba Azul, O Gato de Botas, As Fadas e Cinderela. Inclusive, apesar dos contos terem conquistado seu espaço e importância no universo infantil, em seu primeiro momento eles eram voltados para o público adulto. Conforme Schneider (2009, p. 134) destaca: "[...] histórias eram recheadas de cenas de adultério, canibalismo, incesto, mortes hediondas e outros componentes do imaginário dos adultos [...]".

Vale evidenciar, como observou Ariés (1981), que a infância, tal como a que conhecemos na atualidade, não era percebida da mesma forma que no período em que Perrault escreveu os contos. A



criança ainda era desconsiderada em suas peculiaridades infantis, sendo comumente tratada como um adulto em miniatura. O olhar sobre a infância ainda era incipiente. Foi nesse período que os contos se tornaram brincadeira.

Outro aspecto relevante destacado por Corso e Corso (2006) é que os contos/textos, com o decorrer do tempo, em função das questões sociais, culturais e históricas, podem ter alterações de termos/expressões e até enredo, principalmente no âmbito pedagógico das chamadas adequações para a infância. Aspecto este corroborado por Martins e Reis (2015), já que, segundo os autores, existem abordagens que apresentam novas versões, as quais objetivam se enquadrar nos preceitos da sociedade da época, como, por exemplo, a versão de A Gata Borralheira, dos Irmãos Grimm, que se destacou na Alemanha, no período de combate ao paganismo, enfatizando personagens como "[...] bruxas, magos, duendes, feiticeiros, naturalmente esses seres não aparecerão nas estórias dos Irmãos Grimm, a não ser na representação das personagens más [...]", conforme Martins e Reis (2015, p. 140). Já no contexto atual, esses contos surgem com outros propósitos, principalmente comerciais, e acabam perdendo sua essência, a qual era mostrar exemplos de superação, heróis, heroínas e atuar na imaginação da criança.

PSICANÁLISE E AS FANTASIAS DO CONTO DE FADAS

As crianças, no decorrer de seu desenvolvimento, passam por vários dilemas, tais como rivalidades fraternas, autoestima, iniciação nas questões morais. Ou seja, nessas circunstâncias surgem tensões inconscientes, e é nesse momento que os contos de fadas têm grande importância na estruturação subjetiva da criança, pois eles acabam norteando as fantasias e dimensionando sua imaginação (BETTELHEIM, 2009).

Para o Dicionário de Psicanálise, de Laplanche e Pontalis (2001, p. 191), a fantasia é:

Roteiro imaginário em que o sujeito está presente e que representa de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente. A fantasia apresenta-se sob diversas modalidades: fantasias conscientes ou sonhos diurnos; fantasias inconscientes com o as que a análise revela, com as estruturas subjacentes a um conteúdo manifesto; fantasias originárias.

Freud (1919) destaca que a fantasia pode emergir no contexto de vergonha/culpa, ainda na infância, e pode refletir de maneira traumática no indivíduo. No entanto, Freud (1919) salienta que a fantasia pode ocorrer no contexto imaginário, ou a partir dos vislumbres do cotidiano. Em alguns casos, pode ser algo que traga excitação/prazer para um único indivíduo.

Corso e Corso (2006) falam que existem dois tipos de fantasias: aqueles que ocorrem por meio do sonho diurno, os quais permitem ao sujeito assumir o papel que lhe convém e deseja. Corso e Corso (2006, p. 304) descrevem alguns: "[...] conquistas amorosas ou profissionais, vinganças pessoais e projeções de futuro [...]". Isto é, por meio da imaginação, o inconsciente permite a consumação de desejos que, em muitos casos, são reprimidos ou camuflados. Já o outro tipo de fantasia, é o brincar, esse ato funciona como algo libertador, pois, conforme Corso e Corso (2006, p. 305), "[...] brincando é possível vingar-se da autoridade dos pais, derrotar o rival do mesmo sexo e edipicamente, ser escolhido pelo pai ou pela mãe para namorar [...]". Brincar faz com que a criança derrube as limitações. O lúdico



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA DO CONTO DE FADAS CINDERELA
Daniele Sabrina Cherubino Simões, Luiz Romero de Oliveira

tem essa capacidade de envolver e o indivíduo se expressar a ponto de sair do plano da realidade, aspecto que requereria a observação de limites. É comum ouvir que crianças amarraram uma toalha em torno do pescoço e saltaram de lugares altos na expectativa de voarem, como o Superman.

Para Freud (1907), a fantasia está vinculada à atividade mental, a qual está associada ao desejo. Por meio dela ocorre o desencarceramento da realidade não cumprida. Conforme Freud (1996-b), a fantasia tem grande importância na caracterização da realidade psíquica do indivíduo, pois nela refletem-se os desejos, que podem estar no inconsciente, porém ter reflexos no consciente, podendo ser, por exemplo, um desejo reprimido que pode ser expresso por meio da fantasia.

Ainda nesse âmbito, Freud (1919) aborda a fantasia com certa incongruência, pois, ao mesmo tempo em que gera prazer, também pode desenvolver repugnância, ou seja, prazer/desprazer estão no mesmo plano (fantasia).

Outra análise relevante acerca desse assunto, realizada por Oliveira (2008), é a concepção de Melaine Klein, a qual é destaque na segunda geração psicanalítica. Para ela, a atividade de fantasiar se faz presente desde o nascimento, pois está associada com o instinto. Por exemplo, no ato de mamar, a criança, ao ser alimentada por outros objetos (mamadeiras), a fantasia lhe remete ao seio. Nesse sentido, Corso e Corso (2006, p. 20) afirmam: “A paixão pela fantasia começa muito cedo, não existe infância sem ela, e a fantasia se alimenta da ficção, portanto, não existe infância sem ficção”.

Em outras fases da vida, a fantasia pode ser simbolizada por meio de brincadeiras, jogos, ou seja, o lúdico é a forma de expressar/lançar as fantasias, e quando são coibidas/contidos deixam de exercer atividade fantasmática. (KLEIN apud OLIVEIRA, 2008), ainda destaca que a imaginação se faz presente em toda história de vida dos indivíduos, em cada fase, à sua maneira. Os adultos, por exemplo, podem ser inspirados pelas fantasias inconscientes, seja por meio das artes, trabalhos científicos ou até mesmo pela vida corriqueira.

Mesmo em abordagens distintas da psicanálise, como é o caso de Vigotski (2009), é apontado que a criança assimila os elementos/acontecimentos da sua realidade com o que é narrado, ou seja, a narração estimula o pensamento e a imaginação, portanto, ocorre associação entre fantasia e a realidade. Para Vigotski (2009, p. 14), essa perspectiva se amplia já que, para ele, “[...] tudo o que nos cerca, feito pela mão do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia”.

Bettelheim (2009) estabelece que existe relevante relação entre Freud e os contos de fadas. O primeiro argumenta que o homem precisa lutar contra as adversidades que surgem, dessa maneira consegue entender o porquê de sua existência. E, nos contos de fadas, essas são as mensagens difundidas, ou seja, no decorrer da vida podem surgir situações inesperadas, as quais geram consideráveis inconvenientes, mas aqueles que não se amedrontam diante do inesperado, mesmo que indevido, superam os embaraços, e, no fim, saem vitoriosos.

Corso e Corso (2006, p. 228) complementam essa ideia:

Muitas vezes, o que sentimos é indefinido, é uma angústia, um sofrimento difuso. Uma história pode nos emprestar um sentido que a princípio não é nosso, mas dá um contorno ao nosso sofrimento. Nesse caso, não seria uma verdade do sujeito que se elabora através da trama ficcional, mas por um tempo funcionaria como se fosse. Ou



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA DO CONTO DE FADAS CINDERELA
Daniele Sabrina Cherubino Simões, Luiz Romero de Oliveira

seja, um conto de fada pode nos emprestar um sentido, sem que haja uma correspondência com um problema real.

O CONTO DE FADAS CINDERELA

O conto de fadas Cinderela existe em várias versões. Entretanto, as mais conhecidas são a de Charles Perrault (1697), Irmãos Grimm (1812/2011), e, na perspectiva contemporânea, a da Walt Disney (1950), que foi produzida com base na de Perrault (CORSO; CORSO, 2006). A seguir, pode-se verificar como as versões de Perrault e Grimm possuem diferenças marcantes.

Na versão de Perrault, a estória se inicia falando do pai comerciante que vivia em companhia de sua filha, os dois se amavam muito e viviam de maneira harmoniosa, até que seu pai resolve se casar novamente com uma viúva que tinha duas filhas. Após a morte do pai, a menina passa a ser tratada como empregada/criada, trabalhando de manhã até a noite, além disso, era zombada e motivo de piadas para as irmãs e a madrasta.

Certo dia, o Rei convida todas as moças da região para um baile no palácio, com o propósito de o Príncipe escolher sua esposa. Entretanto, Cinderela é impedida de ir e fica em casa triste, chorando e realizando inúmeros afazeres. Vive esse dilema até que, de repente, aparece uma luz vinda do céu em direção da cozinha. Era sua fada madrinha, a qual limpou tudo com seus dons e ainda a arrumou para a festa, mas a moça não poderia passar da meia noite no baile, pois o encanto acabaria. Ao chegar ao evento, o príncipe se apaixonou por Cinderela e, na correria para ir embora e obedecer ao horário, a moça deixa cair o sapato.

Após a festa, o Príncipe passa por várias casas até encontrar a dona do sapato. Ao chegar à casa de Cinderela, suas irmãs tentaram escondê-la, mas, não teve jeito, o Príncipe a encontrou, a levou para o palácio, casou-se com ela, houve comemorações em todo reino e eles viveram felizes para sempre.

Já no formato Grimm, Cinderela, filha de um comerciante rico, ao visitar a mãe em seu leito de morte, foi orientada a sempre ser bondosa e piedosa, pois, fazendo isso, Deus sempre a protegeria. Após sua mãe falecer, a menina visitou o túmulo por um bom tempo, até que seu pai se casa novamente. A madrasta tinha duas filhas.

A moça, após a morte do pai, passa a ser tratada como empregada da casa e, amenizando sua dor, resolveu visitar o túmulo da mãe, onde plantou um pé de avelã, o qual nasceu, cresceu e tornou-se local de reza, choros e lamentos de Cinderela, e também de encontro com os pássaros brancos, os quais acompanhavam seu dilema.

Entretanto, em um determinado dia, o Rei proclamou que aconteceria um baile no Palácio Real, com duração de três dias, onde o príncipe dançaria com as moças a fim de encontrar sua noiva. Ao saber disso, Cinderela falou com sua madrasta sobre o desejo de participar, a qual arremessou duas tigelas cheias de lentilhas sobre cinzas/poeira no chão da cozinha. Caso ela conseguisse limpar tudo, poderia ir ao baile. A menina, com ajuda dos pombos, conseguiu limpar todas as lentilhas, mas a madrasta novamente foi maldosa e não a deixou participar, pois Cinderela não tinha vestido e ainda precisava realizar as demais tarefas que lhe foram impostas.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA DO CONTO DE FADAS CINDERELA
Daniele Sabrina Cherubino Simões, Luiz Romero de Oliveira

Em meio ao dilema, ela vai ao túmulo da mãe, onde é arrumada pela magia das pombas que frequentavam o local. Esse ritual se repete durante todos os dias de festa.

Durante todo baile, o príncipe dança e fica ao lado de Cinderela, a qual não foi reconhecida pelas irmãs, pois estava tão bonita que elas achavam que era alguém de outra cidade. Após o terceiro dia de baile, ao descer as escadas do palácio Cinderela deixa seu sapato dourado cair.

Após o baile, iniciou o período de procura pela escolhida do Príncipe, e suas irmãs fizeram de tudo para estar nesse lugar; as irmãs se automutilaram, chegam a cortar parte de seus pés para que coubessem no sapato. Além desse trecho, no desfecho da estória, as irmãs, após o casamento de Cinderela, momento em que elas ainda tentam se reaproximar, por interesse, acabam ficando cegas em função de todas as maldades cometidas no decorrer da vida.

Corso e Corso (2006) afirmam que a Cinderela de Perrault assumiu um papel mais voltado para a bondade e os aspectos humanos, e ele se apropriou mais de magias e encantos, e as coisas boas simplesmente acontecem e vão até Cinderela. Em Grimm, a personagem possui uma postura mais travessa, toma certas iniciativas; para que o encanto ocorresse, foi até o túmulo da mãe e realizou seus apelos, ou seja, possuía iniciativa.

De acordo com Bettelheim (2009), o conto apresenta a questão da disputa fraternal, conflitos familiares, angústias da protagonista. As crianças se sentem preteridas, menos amadas quando surgem outros que também têm a atenção dos pais. Ou seja, os anseios de Cinderela são desconsiderados em função das “irmãs”, caracterizando uma rivalidade familiar. Além disso, retrata a exclusão, pois, ela tem compromissos/responsabilidades/cobranças que as irmãs não têm. Apesar de normalmente os conflitos fraternais não serem tão intensos como os de Cinderela, a criança que está vivendo esses problemas, ao ouvir a história, consegue identificar suas emoções e entender que essa aflição vai passar.

Este complexo fraterno é assim definido por Kaës (2005, p. 141):

[...] uma organização fundamental dos desejos amorosos, narcísicos e objetais, do ódio e da agressividade com relação a este outro que um sujeito reconhece como irmão ou como irmã. Esse complexo inscreve-se, também, na estrutura das relações intersubjetivas organizadas pela representação inconsciente das localizações correlativas ocupadas pelo sujeito, o irmão e a irmã em relação ao objeto de desejo da mãe e/ou do pai. Ele qualifica, para todo sujeito, a criança única ou membro de uma fratria, uma experiência fundamental da psique humana.

Outro sentimento destacado no texto é a inveja, a qual também pode se fazer presente no eixo familiar, escolar e em outros grupos sociais que as crianças participam. No caso de Cinderela, ocorre porque ela possui uma beleza diferenciada, que suas irmãs não possuíam. Inclusive, a madrasta percebe isso e tenta sabotar, vestindo-a de roupas velhas/trapos, sapatos de madeira, e deixando suas filhas na zona de conforto, se vestindo com luxo e isentas das tarefas domésticas. A intenção da madrasta era desfavorecer Cinderela para que suas filhas triunfassem (CORSO; CORSO, 2006).

Ainda acerca dessa competição, Bettelheim (2009) afirma que, mesmo em filhos únicos, esse sentimento pode ocorrer, pois, a criança se coloca na condição de comparação com outras famílias, normalmente se vangloriam, se colocando em posição de destaque com relação ao outro. Esse aspecto pode estar vinculado à questão do narcisismo, e Freud nomeia dois momentos da infância em que esse sentimento se apresenta. No primeiro, o bebê se satisfaz do seu próprio corpo, ou seja, ele não precisa



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA DO CONTO DE FADAS CINDERELA
Daniele Sabrina Cherubino Simões, Luiz Romero de Oliveira

buscar isso fora. E posterior a isso, existe a fase do narcisismo secundário, ou do ego; ele está vinculado às questões parentais, ao primeiro formato de afeto/amor que o sujeito conhece, neste caso, a mãe, ou quem cuida diretamente. Os dois estão presentes na composição da personalidade do sujeito (ARAÚJO, 2010).

Mais tarde, no período em que a criança passa a receber certas orientações/educação referentes à socialização, quando é orientada a como se comportar, nessa fase/ocorrências passa acreditar que não é mais amada pelos pais e começa a desenvolver sentimentos de raiva/angústia diante desses ensinamentos, ou seja, ocorre profusão de sentimentos. (BETTELHEIM, 2009).

A questão edipiana revelada até aqui pode ser dividida em dois momentos. No primeiro, Cinderela vive uma excelente relação com o pai, o qual supriu a perda da mãe, e convivem de maneira harmoniosa, o pai é só dela. Entretanto, essa mesma ligação que a coloca em condição confortável, no segundo momento vai lhe trazer sérios problemas, pois o pai se casa novamente, e o amor/atenção, que era todo dela, passa ser compartilhado/dividido pela madrasta e suas filhas, ou seja, aborda os desejos e angústias de uma menina frente às questões edipianas, o pai que deixou de ser exclusivo (BETTELHEIM, 2009).

Essas questões são verificadas na idade de 3 a 5 anos, de acordo com Freud, período em que ocorre o complexo de Édipo, que é definida por Stratton (2002, p. 40), como:

Na teoria freudiana, um processo que ocorre durante o estágio fálico, em torno de 3 a 5 anos, de acordo com o qual a criança deseja possuir o pai do sexo oposto e, por isso, vê o pai do mesmo sexo como um rival. Como esta figura paterna é também poderosa e bem-sucedida, a criança sente-se ameaçada, mas tende também a resolver o conflito pela identificação como pai rival.

REFLEXOS NO LEITOR

Tendo em vista a estrutura do psiquismo tal qual desenvolvida por Freud, o Id seria uma espécie de intuição primitiva, normalmente identificada nas crianças em ações impulsivas e, dependendo da situação, considerada irracional, pois a ação é gerada/expressada sem pensar. Já o Ego, que absorve forças do Id e também do Superego, é a parte que instaura certo controle diante das ações humanas. E o último dessa divisão, o Superego, o qual pressiona o Id a agir conforme os preceitos éticos, morais, leis, crenças religiosas, ou seja, antes de qualquer ação, o superego age para que seja realizada considerando os ensinamentos e vertentes acima (JORGE, 2005).

A experiência de vida de Cinderela atinge diretamente as fantasias das crianças em relação aos seus pais. Desse modo, ao mesmo tempo em que dá impulsos ao Id, permite ao Ego estabelecer controle. A história torna-se expectativa, o ouvinte se espelha no triunfo da personagem, como esperança para solução das questões familiares.

Outro aspecto que ecoa nas crianças é a bondade de Cinderela. Por mais que seja perseguida, desrespeitada, fato que justificaria pensamentos e desejos tempestuosos, a sua inculpabilidade é inquestionável. O leitor/ouvinte, ao se deparar com essa história, entende que não precisa ter pensamentos de raiva/contrários, ou desejar e agir com vingança, pois a justiça e a razão acabam acontecendo (BETTELHEIM, 2009).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA DO CONTO DE FADAS CINDERELA
Daniele Sabrina Cherubino Simões, Luiz Romero de Oliveira

Já Corso e Corso (2006) aponta que as birras, implicâncias, mau humor, preguiça e orgulho das irmãs de Cinderela, que eram opostos ao seu comportamento, são destacados no conto, os quais simbolizam para as crianças que atitudes como essas, seja para conseguir atenção dos pais/pessoas, ou até mesmo presentes, certa autorização, não são vistos de maneira favorável por quem acompanha tal atitude, e é entendido pelas crianças como algo mau, chato e que não se deva fazer, ou seja, despertam para o entendimento de que esta não é a maneira para conquistar nada.

Bettelheim (2009) reitera o quão o conto permite criar um paralelo com a história da criança, permitindo compreender que a turbulência envolvendo ciúmes e conflitos é pequena diante da estória de Cinderela, e ainda rememora o como sua vida é mais feliz do que a dela. Nesse aspecto, o texto trabalha no inconsciente e permite a expressão na forma de emoções. O conto de fadas é apontado por Corso e Corso (2006) como uma psicanálise resolutive, a qual, por meio da fantasia, age no emocional e pode resolver conflitos de identidade, psíquicos e até treinar as crianças para enfrentar o medo.

Outra vertente abordada no conto é a interpretação da diferença de sentimentos/amor, principalmente quando é realizada por crianças na pré-adolescência, pois, inicialmente é abordado o amor de pai e filha, também da madrasta pelas filhas, ou seja, tudo no âmbito familiar. Porém, quando ocorre o baile e Cinderela é a escolhida, o encantamento/sentimento do príncipe foi tão intenso que ele só tinha olhos para ela, praticamente desconsiderou a presença de todas as outras moças. Diante disso, o leitor/ouvinte entende que, além do amor paterno/familiar, existe o de uma relação amorosa, o qual possui grande intensidade na vida dos envolvidos. Além disso, passam a compreender que o amor dos pais não é o único sentimento acentuado. (CORSO; CORSO, 2006).

Algo destacado em comum por Perrault e irmãos Grimm é a presença simbólica da mãe, que, nos momentos de angústia, é quem acolhe Cinderela e a tranquiliza, propiciando o consolo para seu sofrimento. Essa perspectiva é observada em Perrault: quando Cinderela está vivendo um momento de dor e sem alento, surge a fada, a qual tem a missão de proteger e sanar essa agonia. Já em Grimm, a menina continua indo ao túmulo da mãe chorar, rezar e, no ápice de sua angústia, ela se dirige a esse lugar, e é lá onde tudo acontece - de trajes de trapo para futura princesa (CORSO; CORSO, 2006).

Portanto, o citado autor aponta que os contos de fadas, normalmente, trazem relatos de sofrimentos e problemas substanciais, entretanto, os finais sempre retratam soluções, superação. Seguindo esse ângulo, ao escutar a história a criança consegue se apropriar e aplacar a sua própria angústia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contos, que tiveram influências das contações de histórias da tradição oral, nem sempre foram desenvolvidos para o universo infantil, inicialmente eles eram ferramenta de diversão dos adultos. Foi, então, no século XVII, que Perrault se habilita a entrar no universo infantil e começa a escrever para crianças, que até então eram identificadas como adultos mirins e não tinham suas peculiaridades respeitadas.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA DO CONTO DE FADAS CINDERELA
Daniele Sabrina Cherubino Simões, Luiz Romero de Oliveira

Os contos podem receber releituras, alterações, em função do tempo, sociedade, aspectos culturais e religiosos, e são dotados de características como: magia, encantamento, dilema de cunho existencial, herói, heroína e superação de diversos obstáculos.

No conto Cinderela, por meio da fantasia, a criança se identifica em vários contextos com a história de vida da personagem, com evidências para as questões edipianas, quando a personagem viveu intensas angústias. Além disso, o conto foi escrito em várias versões, com destaque para Perrault e Grimm, e, no século XX, Walt Disney também apresentou sua interpretação, baseando-se na versão do primeiro autor, pois, considerando o contexto atual, as adequações pedagógicas e reconhecimento da infância, não seria admitido narrar para elas a mutilação das irmãs e o fato de não terem sido boas no decorrer da vida e, por essa razão, acabaram cegas.

Por conseguinte, ao ler o conto, a criança é levada a compreender os seus sentimentos, além de significá-los. Além disso, o conto traz uma linguagem simbólica, a qual está diretamente vinculada ao inconsciente. Portanto, esses textos, mesmo com o passar do tempo, continuam despertando curiosidade em leitores, pois narram aspectos da vida cotidiana, tais como: disputas fraternais, vingança, superação, dificuldades, desejos, injustiças, agonias, angústias. Diante dessas circunstâncias, os textos incitam a habilidade de fantasiar/imaginar, a qual está envolvida no processo de desenvolvimento psíquico e emocional.

Por fim, considerando os dados observados neste artigo, é inegável que os contos podem amenizar alguma dificuldade da criança, ao propiciar meios para que ela dê um destino e sentido aos seus conflitos, reduzindo seu sofrimento psíquico.

Diante disso, concorda-se com Corso e Corso (2006, p. 326):

Para todos os humanos, a fantasia é um território onde treinamos, é uma vida virtual, onde experimentamos desempenhar a personagem que gostaríamos de ser. Dessas viagens fantásticas nunca voltamos exatamente iguais, pois nelas tivemos uma visão: a de nossos mais prezados desejos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria das Graças. Considerações sobre o narcisismo. **Estudos de Psicanálise**, n. 34, p. 79-82, dez. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372010000200011. Acesso em: 23 maio 2021.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CORSO, Diana L.; CORSO, Mario. **Fadas no Divã**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1900. Disponível em: <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-04-1900.pdf>. Acesso em: 28 maio 2021.

FREUD, Sigmund. **A psicopatologia da vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1919, v. 6.

FREUD, Sigmund. **Escritores criativos e devaneio**. [S. l.]: E.S.B., 1907.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA DO CONTO DE FADAS CINDERELA
 Daniele Sabrina Cherubino Simões, Luiz Romero de Oliveira

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas**: o caso de Schereber, artigos sobre técnica e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, Sigmund. **Um estudo autobiográfico**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Cinderella**. [S. l.: S. n.], 1812. Revisado em 2011. Disponível em: <http://www.pitt.edu/~dash/grimm021.html>. Acesso em: 5 maio 2021.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**: as bases conceituais. São Paulo: Jorge Zahar, 2005.

KAËS, R. **Os espaços psíquicos comuns e compartilhados**: transmissão e negatividade. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

KLEIN, Melanie. The development of a child. 1921. *In.*: _____ **Contributions to psycho-analysis**. London: Hogart Press, 1948.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand Lefebre. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARTINS, Maria Angélica Seabra Rodrigues; REIS, Gláucia Mariana. Os contos de fada e sua contextualização: os clássicos e a indústria cultural. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 27, n. 28, p. 139-149, jan./dez. 2014/2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/viewFile/43945/38175>. Acesso em: 5 maio 2021.

MEDEIROS, José Benedito de. **Modelo de aparelho psíquico na concepção Freudiana**. Disponível em: <http://psicanalisetempodeviver.blogspot.com/2014/06/blog-post.html>. Acesso em: 23 maio 2021

OLIVEIRA, Marcella Pereira de. A fantasia em Melaine Klein e Lacan. **Mental**, Barbacena, v. 6, n. 11, dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272008000200007. Acesso em: 28 maio 2021.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. Disponível em: https://monoskop.org/images/c/c9/Roudinesco_Elisabeth_Plon_Michel_Dicionario_de_psicanalise_1998.pdf. Acesso em: 28 maio 2021.

SCHNEIDER, Raquel Elisabete Finger; TOROSSIAN, Sandra Djambolakdijan. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 132-148, ago. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v15n2/v15n2a09.pdf>. Acesso em: 23 maio 2021.

STRATTON, Peter; HAYES, Nicky. **Dicionário de psicologia**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.